

Segue o fio

1981

Pedro Sousa vence Luiz Alberto Quintero e é eleito o segundo presidente da AECRT.

1983

Itamar Prestes Russo assume a presidência e lança uma campanha para construção da sede da AECRT.



Itamar Russo

1984

Surge o Jornal da AECRT, um periódico mensal direcionado aos Associados da entidade.

Capítulo 3

Sementes de um ideal

A evolução da AECRT permitiu que os funcionários começassem a sonhar com uma sede própria. E viabilizar esse plano dependeria da força deles.

Xeque-mate: a surpreendente eleição de Pedro Sousa

*Pedro Sousa: a
AECRT começava a se
consolidar junto aos
funcionários.*



O expediente se encerra no prédio Bela Vista, e a maior parte dos funcionários toma o caminho de casa. Um grupo, porém, busca outro destino: a sala do chefe da seção de informações. Após o trabalho, a sua mesa se transformava numa arena para intrincados embates mentais. “Sempre trazia um tabuleiro de xadrez e chamava o pessoal para jogar. Tínhamos muito bons jogadores”, conta o engenheiro Pedro Sousa. Entre peões, bispos e pedras de dama, ele começou a consolidar a sua liderança.

Pedro presidia a associação local. Além de coordenar campeonatos e confraternizações, era uma espécie de assessor de imprensa daquele grupo. “Eu escrevia crônicas um tanto irônicas para o Jornal da CRT, contando como era o desempenho dos nossos atletas nos torneios internos de futebol”, lembra. A facilidade no trato pessoal e a organização tornaram-se duas de suas credenciais.

O estatuto da recém-criada AECRT havia definido um mandato quase emergencial para Luiz Alberto Quintero. Ele ficaria um ano no cargo. A intenção é que Quintero, usando de sua imposição, respaldo e bom relacionamento, conseguisse consolidar a proposta da entidade junto aos funcionários. Uma nova eleição ficou marcada para o começo de 1981. Esse pleito se daria por voto indireto. Apenas os dez membros do Conselho Deliberativo da AECRT teriam o direito de escolher o presidente. Dali em diante, as gestões seriam bianuais.

O Cel. Quintero candidatou-se à reeleição, mas talvez não imaginasse enfrentar um adversário inesperado. “O pessoal da associação Bela Vista e o engenheiro Valter Farina, que coordenava a Região Metropolitana, me convenceram a concorrer”, relata Pedro Sousa. Aos 35 anos, ele somava mais de uma década na companhia. Ingressara como estagiário em 1969, junto com um amigo da faculdade. Ainda assim, não fazia parte do contexto inicial da AECRT.

A pouca ligação com a associação não o impediu de vencer a eleição com folga – oito votos a dois. Quintero ficou como seu vice-presidente. “Sempre me valia da experiência dele. Era um homem muito aglutinador”, reconhece Pedro. A passagem de Luiz Alberto Quintero pela associação e pela própria CRT se encerrou pouco tempo depois. Ele deixou a empresa por volta de 1982 e, nos anos seguintes, manteve pouco contato com a entidade que ajudou a criar.

Sintonia mental

Foi na gestão de Pedro Sousa que a AECRT ganhou o seu primeiro logotipo. À época, a associação abriu um concurso para a elaboração da marca. O vencedor foi o arquiteto Ernani Petracek Telles, que atuava na área de projetos do setor de Infraestrutura.

Ao todo, Ernani enviou três propostas. E duas delas ficaram entre as finalistas. A opção vencedora trazia a figura estilizada de cinco pessoas de mãos dadas. “O intuito era representar a união da entidade, especialmente essa conexão de pensamento. Por isso, o elemento central é formado pela cabeça de cada uma das pessoas”, explica Ernani, que também fez parte do Conselho Deliberativo da entidade.



Diversão igualitária

A troca de comando delimitou uma mudança na sede física da AECRT. O Garajão foi substituído por uma sala cedida pela empresa na Galeria Luza, localizada na rua Marechal Floriano. A CRT também liberou uma secretária do departamento de Transportes para assessorar Pedro Sousa nas questões administrativas. Nomes como Silvia Schaeffer, Renato Collares e o próprio Mestre Saturno integraram o corpo diretivo da época.

As atenções da AECRT ficavam concentradas na área social e nos eventos esportivos. Houve bailes lotados em clubes tradicionais da cidade, como Farrapos, Grêmio Náutico Gaúcho e Caixeiros Viajantes. O Garajão também seguiu recebendo essas confraternizações. “Os bailes eram um exemplo das relações igualitárias da CRT. Na mesma pista, lado a lado, dançavam empregados e diretores, sem distinção”, destaca Pedro. Um dos pontos altos desses eventos era o conjunto Comunicasom.

“O pessoal fazia tanta festa que, às vezes, eu não tinha perna para chegar em todas.”

Itamar Russo, ex-presidente da AECRT.

Formada apenas por funcionários da CRT, a banda tocava os sucessos da época e tornou-se uma atração constante. As próprias festas de departamento contavam com os embalos do Comunicasom. Aliás, os núcleos internos não foram extintos – continuaram ativos, sem interferir no andamento da AECRT.

Já as associações do interior passaram a pleitear uma melhor distribuição das verbas destinadas à entidade, pois os funcionários tinham pouco acesso às ações realizadas em Porto Alegre. “Combinamos, então, que um percentual da mensalidade seria revertido para que os núcleos municipais pudessem organizar seus eventos”, relata Pedro. No futuro, o modelo seria incrementado com a criação do Fundo de Investimento Comum (FIC).

Põe na conta

Em 1983, a CRT lançou o serviço de Discagem Direta a Cobrar, disponível tanto em ligações locais quanto de DDD.

De volta à ativa

A gestão de Pedro Sousa pode ser considerada uma fase de transição para a AECRT. Após o lançamento da ideia inicial, a entidade passava a se firmar como principal canal de conagração entre os funcionários. O alinhamento com os interesses dos representantes do interior demonstrava o traço inclusivo que caracterizaria a trajetória da associação.

No começo de 1983, Pedro Sousa decidiu não seguir à frente da AECRT e optou por retornar às suas atividades no departamento de Tráfego. “Sentia-me valorizado pela escolha, mas presidir a associação é um cargo desgastante”, explica. “Também ficava um pouco constrangido por ser um engenheiro que não estava prestando serviços nessa área à empresa”.

Além disso, ele já sabia quem indicar para sucedê-lo: o colega de faculdade que entrara ao seu lado como estagiário da CRT.



Comunicasom: ligados na música.

Pré-internet

O videotexto era um serviço de transmissão de dados que utilizava telefone, computadores ou circuitos de TV a cabo. De certa forma, era um embrião da internet. A CRT inaugurou seu primeiro serviço público de videotexto em 1985.

Procura lá

Ainda em 1985, a empresa distribuiu a sua primeira edição da lista telefônica de Porto Alegre. A publicação era elaborada pela Listel, com tiragem de 235 mil exemplares.

*Parceria histórica:
Itamar (esq.) e Nelson
Telittu, presidente da
Fundação CRT, assinam
o financiamento da sede
campestre.*



Nos passos de Leonel

Uma fotografia se destaca entre os adornos da sala simples ocupada pela Diretoria Executiva do Sinttel-RS, no centro de Porto Alegre. A imagem mostra Leonel Brizola descendo as escadas do sindicato, numa tarde furtiva dos anos 1990. Ao seu lado, um sorridente Itamar Russo acompanha os passos do velho caudilho.

A orientação trabalhista conduziu Itamar ao longo da vida. Isso talvez explique a sua liderança e a proximidade com as entidades de representação do setor. Ele estava presente na histórica reunião do Garajão. Pouco tempo depois, recebeu a indicação do amigo Pedrinho para assumir a presidência da AECRT.

À época, Itamar já possuía certa ascendência na empresa. Era chefe do setor de Manutenção de Equipamentos, um dos mais demandados da companhia. “Via nele o empreendedor que a associação precisava para crescer. Tanto que ninguém se opôs à ideia. Minha gestão, assim, foi apenas um embrião do que viria depois”, acredita Pedro Sousa. De fato, Itamar concorreu sem adversários em 1983. E foi a partir dele que a AECRT deu início à sua primeira fase de expansão.

O principal projeto da gestão de Itamar Russo foi a aquisição de uma sede própria. Na verdade, a ideia de ter um espaço para acolher os funcionários é intrínseca à existência da associação. O plano inicial da própria CRT era construir essa estrutura junto ao antigo Centro de Treinamento (CT), na avenida Antônio de Carvalho.

Um grupo de arquitetos chegou a avaliar a instalação de prédios longitudinais num terreno contíguo ao CT. O local abrigaria uma parte do efetivo de administração da empresa, além da estrutura de convivência dos empregados. À época, a CRT estudava um modelo de coparticipação, dividindo o investimento com a associação para viabilizar a sede.

A proposta, entretanto, acabou sendo abandonada em razão de uma dificuldade técnica. “Aquela área era cortada por uma série de cabos de alta tensão, que limitariam a obra”, justifica Remy Susin. O sonho de construir a sede não foi sepultado, mas ficou em banho-maria nos primeiros anos da AECRT. Coube a Itamar Russo buscar outras formas de materializá-lo. “Nós precisávamos ter uma sede. Era uma necessidade da associação”, confirma o ex-presidente.

Em busca de independência

A AECRT mudou outra vez de endereço com a troca de comando. As atividades ficaram concentradas no departamento de Manutenção, na avenida Bento Gonçalves. Em seguida, a sede foi transferida para uma sala no edifício Tadeu Nedeff, na avenida Borges de Medeiros, junto à farmácia mantida pela Fundação CRT. Itamar Russo ficou dois mandatos à frente da associação. Em seu período, a administração seria alterada uma vez mais, passando a funcionar em um prédio tombado na rua General Auto, no centro da cidade.



Efeito cascata

Com o projeto da sede campestre, as associações do interior também começaram a se mobilizar. Em 1984, um grupo de 50 funcionários da cidade de Osório se cotizou para iniciar a construção de um local de convivência. Já em Ijuí, os servidores adquiriram uma casa com piscina. À época, a AECRT chegou a estudar a criação de uma rede de sedes, que poderiam ser utilizadas por todos os empregados.

Casa dividida: a antiga sede da rua General Auto.

Campo interligado

Em setembro de 1985, os distritos de Ferrara e Capela, na cidade de Piratini, inauguravam os primeiros terminais telefônicos abastecidos com energia solar.

Era o início do Projeto Telefonia Rural Social, que levava linhas de comunicação a regiões longínquas do estado.

Foto: Memorial CRT (AACRT)



Na faixa

O serviço de discagem grátis (0800) também começou a operar em 1985.

O local pertencia ao fundo de pensão e também era ocupado pela AACRT e pela Associação dos Técnicos-Científicos (ASTEC). “As três entidades tornaram-se bastante unidas e participavam juntas dos movimentos em prol dos servidores”, destaca Itamar. É possível notar que, nos primeiros anos, todas as instalações da associação mantinham-se vinculadas à companhia.

A importância de obter um patrimônio próprio, portanto, ia além de oferecer um espaço de convívio aos funcionários. Na prática, representava a independência da AACRT. “O Itamar era uma pessoa visionária e percebeu que a associação tinha que dar esse passo, pois tudo era emprestado pela empresa”, analisa Dulce. De certa forma, lembra um pouco a postura de Leonel Brizola quando criou a companhia.

O problema é que a associação não dispunha de recursos suficientes para conseguir isso. A saída era apostar no potencial de mobilização da Família CRT.

Pedras no caminho

A compra da sede campestre teve alguns obstáculos iniciais. O primeiro deles foi a própria negociação. “Queríamos adquirir a parte mais plana do terreno, mas os proprietários pediam muito. Então, começamos pela área inclinada. Só depois negociamos as duas partes”, lembra Itamar Russo. Além disso, o local era cortado por um córrego que recebia dejetos depositados pelas empresas de exploração mineral da região. O reflexo disso era um mau cheiro persistente. Assim, foi preciso contatar o Departamento Municipal de Água e Esgoto (DMAE) para aterrar o fluxo de água antes do início das obras.



Um tijolo a mais: o carnê do Itamar

Em meados de 1983, a AECRT buscou arquitetos para elaborar o projeto de uma sede campestre. O desenho incluiria um ginásio de esportes e um galpão crioulo, além de campos de futebol, quadras poliesportivas abertas, churrasqueiras e área infantil.

O próximo desafio era encontrar um ponto que comportasse essa estrutura. Depois de visitarem alguns espaços na cidade, Itamar Russo e Jurandir Leite, então vice-presidente da associação, chegaram a um terreno de 4 hectares no Beco Sousa Costa, uma área próxima à avenida Antônio de Carvalho. Curiosamente, não muito longe do local aventado originalmente para receber a obra.

Campo dos sonhos: o terreno que receberia o ginásio da AECRT.

Às claras

A Planeng Engenharia foi a empresa responsável pela construção da sede campestre. O processo de escolha se deu por uma concorrência aberta, realizada pela Fundação CRT. A obra foi orçada em cerca de CR\$ 2 bilhões – algo em torno de R\$ 4 milhões, em cifras atuais.

Benefícios ampliados

Além da Campanha do Tijolo, a AECRT começou a buscar outras formas de diversificar suas fontes de renda. Uma delas foi a criação de um seguro de vida optativo – oferecido como alternativa à modalidade padrão da empresa. A ideia partiu do diretor financeiro Celso Vaz Corrêa e deu muito certo.

O diferencial da apólice, fornecida pela União de Seguros, era a extensão da cobertura para os cônjuges. Ou seja, os funcionários receberiam o valor no caso de ocorrer algum evento com seus companheiros. O produto passou por adaptações ao longo do tempo, mas se consolidou como um dos benefícios oferecidos aos Associados até hoje.

O grande espaço verde, quase ao sopé do Morro Santana, com sua paisagem bucólica, era ideal para acolher a sede campestre. A medição da área foi solicitada ao setor de Engenharia de Infraestrutura da CRT. “A estrutura praticamente só tinha mato e um córrego que cruzava o terreno. Foi um trabalho difícil”, lembra Luis Carlos Benites Oliveira, atual diretor administrativo da ASTTI. Ele e Adir Fagundes foram os responsáveis por fazer o levantamento topográfico.

Viabilizar o sonho da sede, porém, dependia de uma estratégia que não poderia prescindir do auxílio inicial da companhia. A associação, assim, recorreu à Fundação CRT. Uma carta de intenções foi assinada em setembro de 1983. Pelo modelo de negócio, o fundo de pensão iria adquirir o terreno e arcaria com a construção do ginásio. Isso porque, legalmente, a entidade não poderia realizar obras ou aportes em bens que não fossem seus. Tratava-se de um empréstimo, portanto.

A AECRT entrou com uma parcela menor dos recursos necessários para viabilizar o projeto e assumiu a responsabilidade de quitar o investimento feito pela Fundação. O prazo de pagamento foi estipulado em 15 anos, considerando juros e correção monetária. A primeira parcela deveria ser depositada após a entrega do ginásio. Mas a posse definitiva da sede só seria repassada à associação quando o montante fosse saldado – embora a administração do local coubesse exclusivamente aos funcionários.

Entalhados no tempo

Os nomes que colaboraram para a obtenção da sede campestre foram imortalizados na pedra fundamental do empreendimento. A placa está instalada à esquerda do pórtico de entrada da ASTTI.

Logo após a definição da parceria, a AECRT iniciou um mutirão junto aos empregados. A Campanha do Tijolo, como a ação ficou conhecida, consistia num carnê de contribuições mensais. Essas doações poderiam ser debitadas no contracheque, somando-se à quantia já destinada regularmente à associação. “Contratamos uma equipe de marketing para divulgar o projeto junto aos departamentos e às associações do interior”, conta Itamar Russo. O propósito era melhorar o caixa para que a entidade pudesse absorver as parcelas da dívida.

Olho do dono

A AECRT constituiu uma comissão especial para acompanhar o andamento a obra. O grupo era composto por nomes como Antônio de Paula Pinto, vice-presidente na segunda gestão de Itamar Russo, e José da Silva Dutra, diretor de patrimônio da associação.

Diário de família

A comunicação foi fundamental para mobilizar os funcionários em torno do plano da sede campestre. O Jornal da AECRT, criado em julho de 1984, fez parte desse movimento. A publicação mensal tornou-se um canal para engajar os servidores e aproximá-los do dia a dia da associação.

Os conteúdos repercutiam eventos sociais e esportivos e discutiam dilemas e avanços da CRT. Além disso, o jornal abordava temas de cunho comportamental. A segunda edição, por exemplo, trazia uma matéria de duas páginas sobre alcoolismo, com o depoimento de um funcionário que havia vencido a luta contra a dependência.

Nascia, assim, uma tribuna para unir e dar maior voz aos Associados.

“Conhecemos o mundo pela televisão e somos informados dos acontecimentos pelo rádio e pelo jornal. Pois bem, isso é verdade e estamos bem informados sobre o País e o mundo. Agora perguntamos: e aquelas coisas que nos interessam muito de perto, quem nos informa? Como vai a nossa família CRT, os nossos colegas, as mudanças, as promoções sociais e desportivas?”

Trecho do primeiro editorial do Jornal da AECRT, assinado pelo presidente Itamar Russo.

A campanha possibilitou que os colegas encarassem a associação de modo mais tangível. O sonho da sede campestre passou, definitivamente, a ser alimentado em conjunto por todo o quadro funcional. Mais do que isso: muitas pessoas se vincularam à AECRT a partir desse episódio. “Foi através do carnê do Itamar que comecei minha ligação com a entidade”, diz Delcio Prates Poltosi, presidente da ASTTI entre os anos 2012 e 2014.

À época, Delcio trabalhava no setor comercial da companhia, em Novo Hamburgo. Ele chama atenção para a importância social do projeto criado por Itamar Russo. “Os clubes sociais, via



Sem parar

Embora o foco estivesse concentrado na construção da sede campestre, a associação não deixou de realizar suas atividades sociais e esportivas. Um exemplo disso foi a 1ª Olimpíada da AECRT, organizada em 1984, em Santa Maria.

A entidade também continuou promovendo a escolha da Garota CRT, com eliminatórias nas sedes do interior. Apenas funcionárias da empresa podiam concorrer.

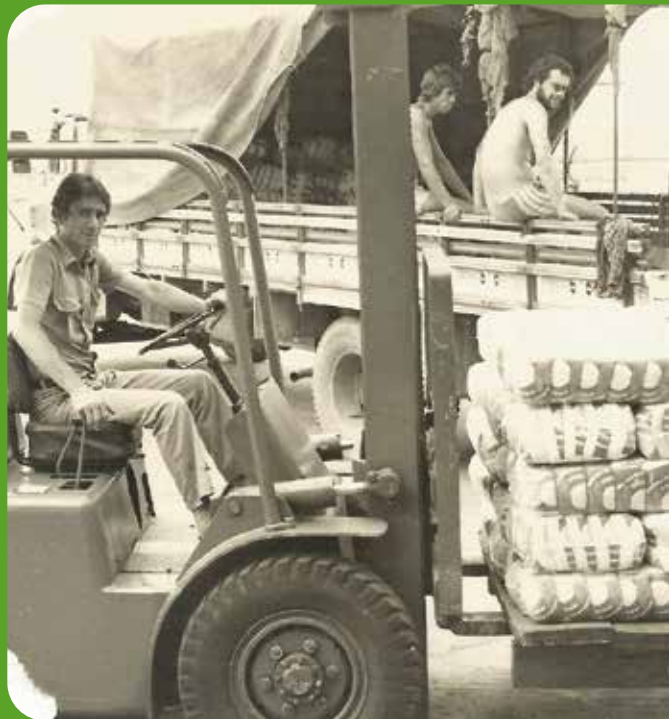
É nessa fase que começam a se tornar tradicionais os eventos de calendário – como Festa Junina e Dia das Crianças. Na mesma época, a associação cria os primeiros grupos de teatro, escotismo e nativismo.

Telefônicos contra a seca

Outro episódio importante foi uma campanha de doações para a forte seca que castigou os estados da Região Nordeste em 1984. A iniciativa, organizada em parceria com a Cruz Vermelha, arrecadou 18 toneladas de alimentos.

O coordenador das ações direcionadas aos flagelados era o bispo pernambucano Dom Helder Câmara, patrono brasileiro dos Direitos Humanos. Em agradecimento pelo esforço dos telefônicos gaúchos, ele viajou até Porto Alegre para palestrar aos funcionários da CRT. “Aquele velhinho santo veio até aqui conversar conosco”, diz Itamar.

Além disso, ele ressalta o trabalho incessante de Antônio de Paula Pinto e de José da Silva Dutra nesse episódio.



*Toneladas de fraternidade:
o apoio à seca no Nordeste.*

de regra, são muito elitizados. Isso dificulta o acesso ao lazer por parte dos trabalhadores. A campanha fez com que os funcionários comprassem a ideia de ter um clube para si”, explica. E eles começaram a vê-lo nascer em janeiro de 1986, quando a construção do ginásio de esportes foi iniciada.

As sementes de um ideal comunitário e de bem-estar aos funcionários haviam sido plantadas. Mas ainda seria preciso vencer uma série de obstáculos inesperados até que elas retornassem os frutos almeçados pela Família CRT.

Mar à vista

É também nessa época que a AECRT lança o projeto de uma colônia de férias no litoral. O destino, inicialmente, seria a praia de Capão Novo. Esse empreendimento acabou não se concretizando, mas serviu como inspiração para o camping adquirido em 1993, na praia de Magistério.



Saltando alto: o vôlei da AECRT fazia bonito nos anos 1980.

Dobradinha: Pedro Sousa (de óculos) ao lado de Luiz Alberto Quintero em jantar da AECRT.



Solenidade: Itamar, à esquerda, cumprimenta Francisco Varela, presidente da CRT, no momento da posse.



Foto: Memorial CRT (AECRT)



Diversão: um dos primeiros eventos da AECRT no Dia das Crianças.



Agenda cheia: o surgimento da AECRT turbinou a programação de festas.



Obras: o sonho do ginásio começava a tomar forma.

Teatro: grupo de atores em festa junina da AECRT.

Morada: a sede da General Auto acolheu a associação até 1991.





Número 1: a primeira capa do Jornal da AECRT.

Medalha: Pedro Sousa em premiação esportiva da AECRT.



Engajamento: Itamar Russo sempre esteve envolvido com as causas da categoria.

